Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros	2$500 réis
Semestre ou 26 numeros	1$300 »
Trimestre ou 13 »	700 »
Avulso	60 »

ANNO I—17 DE JULHO DE 1881—N.° 22

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.°

ASSIGNATURA
BRAZIL

Anno ou 52 numeros	7$000 réis
Semestre ou 26 numeros	4$000 »
Trimestre ou 13 »	2$000 »
Avulso	200 »

SUMMARIO

Gravuras:—Vista geral do Vaticano; Helena Kotanner roubando a corôa da Hungria; Os papagaios chinezes.

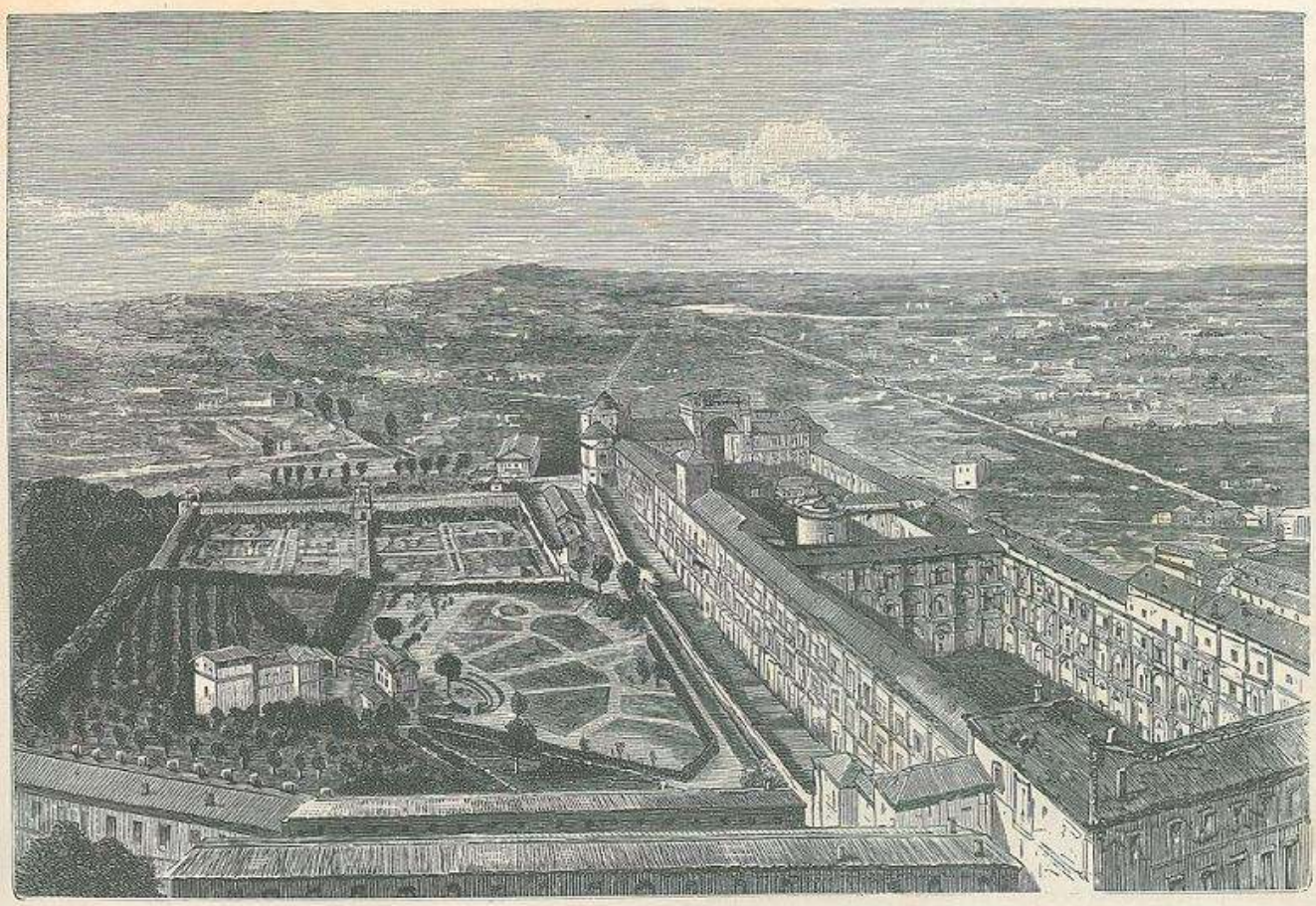
Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; A semana historica, por A. O.; Visões d'um solitario, por F. Guimarães Fonseca; Rosicler, soneto, por M. Mesquita; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Não morreu o general Garfield, e eu podia perfeitamente, se fosse astucioso, destruir n'este numero o que fiz no antecedente e consagrar um artigo á resurreição de Garfield como consagrára outros á morte do mesmo general, tanto mais que no *Daily-Telegraph* encontro agora promenores interessantes a respeito do chefe da mais importante republica do mundo inteiro.

É um Hercules, colossal como a republica a que preside, e ao mesmo tempo um incançavel ledor. Por muito que leia porém, estou convencido que não lê o *Jornal do Domingo*, e não vale a pena enviar-lhe aqui d'este canto do occidente, que é o oriente para elle, o meu bilhete de visita.

Mas em compensação tenho hoje um morto authentico, e um morto de primeira ordem. Paulo de Saint Victor. Chegou-nos a noticia pelos jornaes francezes, porque a agencia Havas não se digna informar-nos da morte d'estes principes da sciencia ou das letras, que foram durante a vida o nosso encanto e o nosso enthusiasmo, e que, ao desapparecerem do mundo, deixam um vacuo immenso, e uma immensa saudade! Não deixa a Agencia de nos informar da morte de um principe de Reuss qualquer, de um Henrique 56 B, porque os Henriques Reuss já se numeram como as portas das ruas segundo o antigo systema da municipalidade



VISTA GERAL DO VATICANO

lisbonense; mas a Agencia Havas sempre se esquece de nos informar da morte de homens como Claudio Bernard, como Gustavo Flaubert, como Littré, como Paulo de Saint-Victor, como tantos outros que não podem numerar-se, porque são sempre os unicos da sua dynastia intellectual.

Talvez Paulo de Saint-Victor não seja entre nós muito conhecido. Poucos são os seus livros, e os jornaes em que escrevia não eram d'aquelles que andam hoje na mão de todos — o *Figuro*, o *Voltaire*, o *Gil Blas;* Paulo de Saint-Victor mantinha as tradições quasi apagadas do velho folhetim, e era no *rez-de-chaussée* de uns jornaes massudos e graves, como o *Monitor Universal*, que esse rouxinol da prosa franceza soltava da garganta as notas de oiro do seu admiravel canto. E eram de oiro effectivamente, de oiro purissimo aquelles inspirados gorgeios. Nunca houve quem manejasse como Paulo de Saint-Victor a prosa franceza, nem o proprio Gautier, atrevo-me a dizel-o; porque este nas *fioriturí* do seu admiravel estylo transpunha muitas vezes as fronteiras do idioma, lançava-se nas aventuras do neologismo, e Paulo de Saint-Victor bordava de matizes encantadores o velho thema correctissimo da lingua de Voltaire e de Janin.

Ah! que estylo! que formosura! que elegancia suprema! Saboreava-se o estylo de Paulo de Saint-Victor como uma *gauffre* com *champagne*. Era o que havia de mais requintado, de mais primoroso n'aquella cosinha franceza do folhetim. Depois esse estylo tinha umas irradiações maravilhosas. A phrase illuminava tudo. Quando se achara por acaso nas suas *Revistas theatraes* em presença de uma obra como a *Aida*, de Verdi, como a *Psyché*, ou outra qualquer que lhe abria os horisontes da arte antiga, como elle enfiava no dedo a sua palheta ticianesca, e como lançava na tela, em torrentes de tintas ardentissimas, um colorido maravilhoso! O seu estylo era um verdadeiro satrapa do Oriente, resplandescente de oiro e de diamantes, e até quando tratava das peças insignificantes e dos *vaudevilles* e das operetas, a sua phrase entrava por alli dentro diamantina e estrellada, derramando em torno de si torrentes de esplendores.

O seu livro mais antigo era o dos *Homens e Deuzes*. Pouco posso dizer a respeito d'elle. Quando rebentou a guerra com a Russia, e depois a revolução da communa, Paulo de Saint-Victor entrou em linha com um livro admiravel — *Barbaros e bandidos*. Que prodigiosos capitulos se encontravam n'esse livro! Que mordacidade, e que lyrismo! Havia na sua phrase reflexos de Gautier e reflexos de Heine, scintillações do estylo do immortal colorista, e reflexos do espirito sarcastico do author do *Reisebilder*. Sempre me hei-de lembrar de uma pagina admiravel que elle consagrava aos pombos correios.

Não era um folhetim, era um hymno, um hymno como o que entôariam os gregos em honra das pombas de Venus, ou das aguias de Jupiter. A Grecia era a patria predilecta do espirito de Saint-Victor. Como todos os espiritos apaixonados pela luz, pelo bello, pelo ideal, Paul de Saint-Victor tinha o culto ardente da Grecia, adorava esse paiz, que é sobretudo para os filhos do Norte o paiz ideal dos seus sonhos, essa terra sagrada onde o sol doirava com os seus beijos de fogo o marmore de Pentelico, onde as aguas azues do Archipelago expiravam docemente nas ondas do cabo Sunium, onde se enlaçavam as oliveiras de Minerva com os loureiros de Apollo e com os myrtaes de Aphrodite, onde as deusas nasciam da espuma do mar, e o canto dos rouxinoes das lagrimas dos amantes. O seu ultimo livro foi todo consagrado á Grecia. Intitulava-se as *Duas mascaras*. Era a Tragedia e a Comedia gregas que elle estudava n'esse livro com um poder de estylo verdadeiramente admiravel. Lamartine dizia d'elle: «Quando o leio ponho oculos azues.» É que effectivamente esse estylo tinha o fogo e o esplendor do sol da Grecia, d'esse sol que em Delphos matava os que iam como Ottfried Muller estudal-o e adoral-o. Nunca entrou na Academia, apezar de ter apresentado umas poucas de vezes a sua candidatura. Teve sempre comtudo o voto de Victor Hugo. Valia pelos trinta e oito restantes, não é verdade?

Assim vão desapparecendo os grandes e puros estylistas da antiga França, para deixarem o campo livre a Zola e á sua cohorte de cinzeladores de estrume: os Guy de Maupassant, os Huysmans, os Vast-Ricouard, e Companhia, e em vez d'aquelles nobres folhetins que nos levantavam o espirito ao nivel das grandes concepções, encontraremos d'aqui por diante o nojento *Cyclope* de Armand Silvestre, e as cantharidas torpes da *Péche aux crevettes*, de Zola. Que decadencia, ó França!

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISTA GERAL DO VATICANO. — A nossa gravura representa uma vista geral do celebre palacio do Vaticano, em que, não ha muito tempo, se passaram tres acontecimentos importantissimos para o mundo catholico: a morte de Pio IX, a reunião do Conclave, a eleição e corôação de Leão XIII.

Ignora-se a data da fundação d'este palacio, e nem mesmo se póde dizer qual das suas partes é a mais antiga. O Vaticano principiou a ser residencia dos papas depois de 1377, e ás construcções de differentes periodos, que já então existiam, accrescentaram-se outras em periodos tambem differentes. João XXIII mandou fazer notaveis edificações em 1410, e por identica maneira procederam Innocencio VIII, Alexandre VI, Julio II, Leão X, etc. Estes successivos melhoramentos eram reclamados pelos numerosos museus, que se iam fundando e desenvolvendo cada vez mais.

O Vaticano, por consequencia, não é um monumento homogeneo: é a reunião de palacios, capellas, salas, galerias pertencentes a epochas diversas, um aggregado de construcções disparatadas, sem connexão, nem coherencia, em que se acham arrecadadas verdadeiras joias architectonicas e thesouros inestimaveis de pintura e de esculptura.

O palacio tem approximadamente 13:000 compartimentos, incluindo os subterraneos, 20 pateos, 8 escadas principaes e 200 escadas de serviço. Consta de tres andares: o primeiro e o segundo são occupados na quasi totalidade por museus e bibliothecas, afóra a parte reservada para o soberano pontifice. A escada principal, denominada *Scala regia*, ornada de columnas jonicas de uma perspectiva admiravel e imponente, conduz á sala real no primeiro andar que serve de vestibulo ás capellas Paulina e Sixtina.

Adornam esta ultima capella frescos dos famosos artistas da Renascença que tinham por nome Perugino, Roselli, Ghirlandajo e Signorelli; porém essas obras, dignas do geral applauso e admiração, ainda hoje perfeitamente conservadas apezar de terem mais de tres seculos, desmaiam, empallidecem deante das assombrosas concepções de Miguel Angelo, que completam a decoração da capella: o grande fresco do *Juizo final*, que veste a parede do fundo; as doze *Sibyllas* e *Prophetas*, que se alternam nos intervallos das janellas; e os doze frescos do tecto. A capella Paulina está longe de offerecer o mesmo interesse.

Fôra impossivel enumerar em um simples artigo explicativo todas as salas, todas as galerias, parar um momento deante de cada um dos primores de arte, que encerra o monumento de que fallamos. Não podemos comtudo passar em silencio as galerias de pintura mandadas construir por Gregorio XIII e seus successores. A sua collecção de quadros não tem rival no mundo: é unica. Tudo quanto a escola italiana produziu de mais bello, de mais grandioso, tudo quanto conceberam e executaram os peregrinos talentos de Raphael, de Leonardo de Vinci, de Ticiano, de Perugino, de Guido Reni e outros, tudo se acha ali reunido, enthesourado, attestando ao mundo inteiro que debaixo do céo purissimo da Italia germinam e bracejam as artes, como em nenhuma outra região.

Além d'este museu possue o Vaticano ainda mais quinze, entre os quaes ha dois, que nos corre a obrigação de mencionar: a galeria das estatuas e o museu etrusco. A famosa bibliotheca do Vaticano tem 126.000 volumes, contando-se n'este numero mais de vinte e cinco mil manuscriptos.

CAÇA ÁS TARTARUGAS. — Caça ou pesca? Ambas as cousas se podem dizer, porque este animal amphibio é perseguido tanto na terra como na agua, e o homem, que o extermina, tem por consequencia o direito de intitular-se á sua vontade caçador ou pescador. É uma caça — ou uma pesca — sem difficuldades, quasi sem perigos, e que se faz com a certeza de um bom lucro. D'ahi provém ser muito avultado o numero de pessoas, que declaram guerra aos pobres chelonios.

É inutil dizer que nos vamos referindo ás regiões da America, porque só ahi se encontra grande quantidade de tartarugas. Em alguns paizes pullulam as especies mais differentes d'estes animaes, e ao lado dos de menor tamanho, cujo diametro não excede duas pollegadas, vivem outros, que chegam a attingir proporções enormes.

São bem conhecidas ás applicações da tartaruga. A carne flaccida e gelatinosa serve para fazer uma sopa delicadissima, que é o regalo dos amadores de bons bocados. Da concha cornea, adherente ao esqueleto, tiram grande proveito os entalhadores, penticiros, e outros industriaes; e no Brazil sabemos nós que com os ovos das tartarugas se prepara manteiga de excellente qualidade, e que o sangue passa por ser remedio efficaz contra a morphea. Isto basta para justificar a guerra, que se lhes move.

A maneira mais simples de apanhar as tartarugas dos rios consiste em voltal-as de costas, quando passeiam nas margens. As especies pequenas voltam-se com as mãos; as outras por meio de uma alavanca. O animal, collocado n'esta posição, fica prisioneiro, porque lhe é de todo em todo impossivel tornar á posição natural. As

tartarugas de grandes dimensões podem ser perigosas, porque é difficil voltal-as em consequencia do grande peso, e, quando mordem, a mordedura é terrivel. Essas fisgam-se, e o caçador salta-lhes para cima da concha, onde fica até que o animal caia morto. É um espectaculo deveras curioso ver um homem sentado sobre uma tartaruga, que foge a bom fugir, e que pela velocidade, que leva, parece, como a da fabula, ter apostado com alguma lebre chegar primeiro a um determinado ponto.

A tartaruga dos lagos é mais apreciada, do que a dos mares, pelo sabor agradavel da carne, mas é tambem a mais perigosa. Morde tudo o que pode alcançar com a boca, e este feio costume de dar a sua dentada é habilmente explorado por um animalsinho, para quem a tartaruga é o melhor e o mais delicado dos petiscos. Queremos fallar do *racoon*, que a nossa gravura representa pescando á beira de um lago. Depois de trepar a uma raiz ou a um galho suspenso sobre a agua, deixa cahir a cauda, e agita-a levemente. A tartaruga apenas o vê, aproxima-se e morde, e o *racoon*, que possue n'aquelle prolongamento do tronco uma força consideravel, sacode-o logo que sente a mordedura, arremessando o amphibio para terra. Em seguida procede como o homem; volta a sua presa de costas, e principia a banquetear-se como um Lucullo.

Helena Kotanner roubando a coroa da hungria. — O imperador da Allemanha, Alberto II, que era ao mesmo tempo rei da Hungria, morreu em 1439. Deixando de esperanças sua mulher, a imperatriz Izabel, quiz esta segurar a corôa ao filho que em breve devia nascer, e n'esse intuito mandou esconder cuidadosamente a insignia da realeza em um subterraneo da fortaleza de Vissegrad. N'aquella epocha nenhum principe era rei da Hungria antes de ser coroado solemnemente, e nenhuma corôa podia substituir na ceremonia a corôa de S. Estevão.

A rainha deu á luz um rapaz, que recebeu o nome de Ladislau, e determinou fazer coroar o filho immediatamente. Para esse fim tinha absoluta necessidade da corôa; mas de todos os lados surgiam obstaculos á realisação do seu desejo, por isso que uma parte da nobreza se declarara favoravel á causa do rei Ladislau da Polonia. Era portanto indispensavel proceder e dispôr tudo de fórma que não infundisse suspeitas ao partido contrario.

Uma dama da côrte, chamada Helena Kotanner, encarregou-se de apresentar a Izabel o precioso objecto, que ella tão ardentemente desejava. Acompanhada de um Magyar, de provada fidelidade, chegou um dia ao castello de Vissegrad, trazendo comsigo limas, fechaduras, e o sello da rainha. Alta noite dirigiram-se os dois aos subterraneos e conseguiram abrir as portas encontrando para isso grandes difficuldades, porque devia ser tudo feito com o maior silencio para não despertar a attenção dos guardas. A corôa estava collocada em cima de um altar, e, por infelicidade, estava fechada n'um cofre de madeira tão solido, tão bem construido que foi preciso queimal-o.

Depois de feita esta operação, por entre mil sustos e cuidados, ficaram de posse da corôa. Tornaram a fechar as portas com fechaduras novas e sellaram-n'as com o sello da rainha. No dia seguinte partiu Helena Kotanner sem ter excitado a mais pequena desconfiança, levando escondido n'uma almofada o sonho dourado da imperatriz Izabel, e o futuro destino da Hungria.

O principe foi coroado em Stuhlweissenburgo tendo apenas dois mezes de edade.

Os papagaios chinezes. — Qual de nós se não lembra com saudade d'aquelles pedaços de papel ou de panninho, collados sobre uma cruz de canna, que soltavamos ao vento, seguros por um cordel, e com que tanto brincavamos nos descuidosos tempos da infancia! Quem se esqueceu já do enthusiasmo, com que deitava o seu papagaio?

Pois o querido passatempo da nossa meninice constitue a principal diversão, o entretenimento favorito dos chinezes. Estes porém não se contentam, como nós nos contentavamos, com uns papagaios modestos, de feitio simples, e de facil execução. Os papagaios chinezes representam cabeças de homens de uma grandeza enorme, cabeças de serpentes, de animaes fabulosos, pequenos navios com todos os mastros e velas. São guarnecidos de varetas de bambuôco, que emittem, quando o vento sopra, um som muito similhante ao do orgão.

Os habitantes do celeste imperio têem adquirido notavel destresa n'este genero de divertimento. E não se pense que o papagaio é na China privilegio exclusivo do rapazio, como entre nós acontece. Qual historia! Homens e mulheres, moços e velhos, ricos e pobres, todos experimentam egual satisfação em fazer subir ao ar um papagaio.

A nossa gravura representa uma festa denominada *Ching-Yuong* ou *Fan-Kun*, que todos os annos se celebra no nono dia do nono mez, em commemoração da milagrosa liberdade concedida pelos espiritos celestes a um piedoso sacerdote, que se achava encarcerado com toda a sua familia.

N'esse dia reunem-se grupos numerosos nas margens dos rios, fazem subir os papagaios, cortam-lhes as cordas, e aquellas figuras de homens, de monstros, de animaes elevam-se a grandes alturas, e vão depois cahir em logares muito distantes.

A SEMANA HISTORICA

17 de julho de 1858 — Fallecimento da rainha D. Estephania

Nasceu a princeza D. Estephania Frederica Guilhermina Antonia no palacio de Segmaaringen a 15 de julho de 1837, sendo seus paes o principe d'Hohenzollern e Segmaringen, Carlos Antonio, e a esposa d'este Josephina Fredericа, filha do grão duque de Bade, Carlos Luiz.

No solar de sua familia passou a futura rainha de Portugal os annos da infancia e ainda os primeiros da adolescencia, mas a revolução de 1849 obrigou o principe Carlos a deixar as margens do Danubio. A joven princeza percorreu então differentes cidades da Allemanha, até que havendo seu pae cedido, em 1850, á Prussia, os seus direitos de soberania ao principado e sido depois nomeado tenente general e commandante da divisão militar de Dusseldorf, foi estabelecer a sua residencia n'essa cidade, onde D. Estephania captou as sympathias de todos pelos seus excellentes dotes e pela benevolencia das suas maneiras.

Escolhida pelo nosso monarcha D. Pedro V, para esposa, realisou-se o casamento por procuração em Berlim, no dia 29 d'abril de 1857, e partindo em seguida a regia noiva para Lisboa chegou a esta nossa capital a 17 de maio e no dia immediato celebrou-se o casamento na egreja de S. Domingos.

Aqui, como em Dusseldorf, grangeou a nova rainha sympathias geraes; e ainda hoje muitos se recordam com saudade de ter encontrado nas immediações de Lisboa os dois esposos passeando esquecidos da nobreza do seu nascimento, acariciando as crianças, animando os que se empregavam nos rudes trabalhos do campo, soccorrendo os desvalidos e lembrando-se da sua alta posição unicamente para melhor valerem aos desherdados da fortuna.

Essa felicidade foi breve, e a gentil senhora, que todos adoravam e respeitavam, recolhendo a Lisboa de uma viagem ao Alemtejo, sentiu-se incommodada e ao cabo de poucos dias exhalou o ultimo suspiro, a 17 de julho de 1858, no palacio das Necessidades.

A. O.

VISÕES D'UM SOLITARIO

I

O AMOR

Entremos no ermo acariciado com os sonhos do amor, onde desce a luz do céu em cambiantes formosissimos, onde renasce dia a dia a flamma sagrada do fogo do coração, crescendo em columna de nuvem de incenso nos dias da felicidade e da esperança, entre os suspiros levantados para o ideal, e em columna de esplendido lume, sarça ardente no deserto illuminado, nas suaves noutes do devaneio, da scisma sonhadora, da *reverie* perfumada de delicias, do arroubamento dos gemidos e das lagrimas, do extase sublime do suspirado goso.

Acolá, n'aquelle outeirinho ladeado de arbustos e de flores; abraçado da serpente de crystal, que lhe beija as verdes plantas, colleando donairosamente; aninhado no meio das campinas de esmeralda, que lhe servem de tapete luxuriante; embalado pelos murmurios da floresta e pelos ventos da montanha; espreguiçando-se flexuoso na quebrada da serra, que lhe serve de corôa soberana; com suas flammulas matisadas, com sua agreste cõma de rochedos nevoentos, urnas cinereas no pincaro sobranceiro, como a levantarem o perfume d'um gemido para Deus; acolá, n'aquelle cómoro de ignoradas flores, nascidas ao sopro da manhã embalsamada, mortas ao derradeiro ésto da tarde, redivivas ao perenne irradiar da luz; na collina esplendente de verduras, de risos, e de amores — está o ninho de duas almas.

Vêde a branca ermida ao amanhecer da primavera.

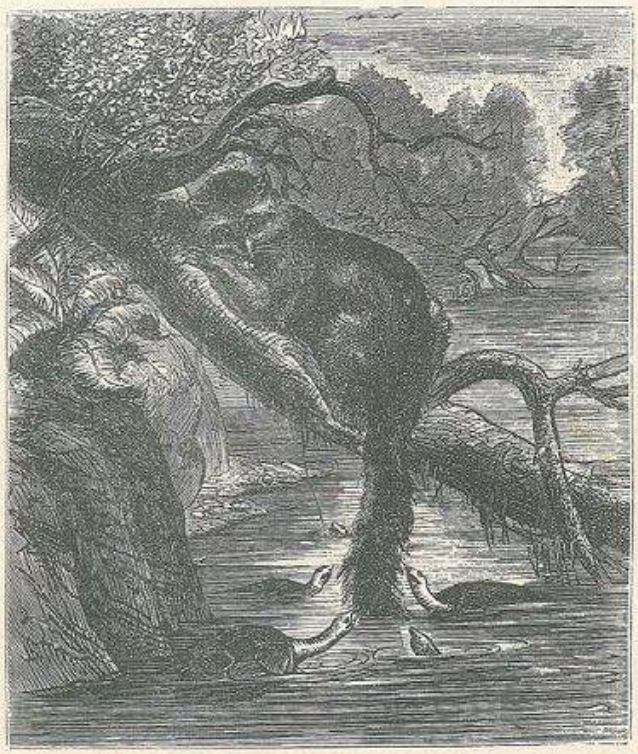
Uma nuvem arminhada, vaporoso diadema dos rochedos, desce suavemente o pendor da montanha, para afagar-lhe a escondida frente. Penetra as altas ramas do arvoredo em flocos alvissimos como de alada espuma, e vai destender-se mansamente sobre ella, embalsamando-a dos matinaes perfumes, que todo aquelle monte de aromas lhe manda nas azas do vento da manhã.

Depois, doirada corôa posta alli pelos anjos do amor, apparece fulgurante de ouro e rosa aos raios do sol nascente. Como enfeite delicioso de virgem

pallida é a nuvem illuminada sobre a branca ermida. As aves saúdam a sua irmã da collina, saúdam a luz que desmaia suave ainda sobre as folhas das arvores, e soltam o vôo do escondido ninho para o orvalhado arvoredo, em alegres harmonias da musica do céu.

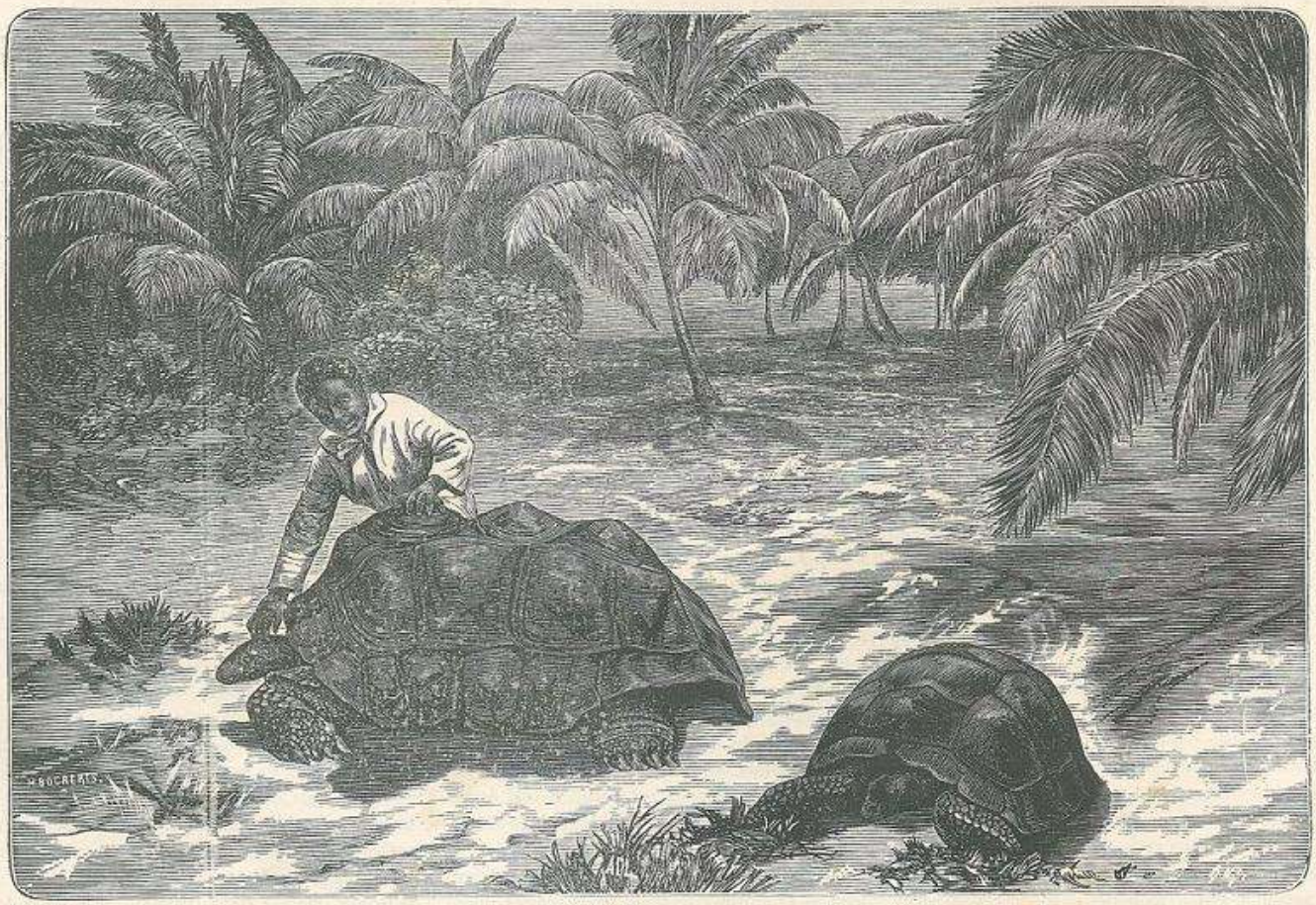
Acorda tudo em festas ao irradiar d'uma face de Deus. Só dentro da casinha solitaria dorme ainda no silencio da noute outra face da formosura divina. Os canticos das aves hão-de abrir-lhe o primeiro sorriso.

Eil-a que se ergue, como a rosa adormecida ás derradeiras lagrimas da noute na despedida saudosa. Meio corpo gentil levanta o branco sendal da escondida voluptuosidade, e velam-se os alvos seios na fina camisa de linho; depois o apparecer de uma flor desmaiada n'um véu de neve, apenas mostrando metade da hastea a flor mimosa, é o descobrir do pé delicioso e nú, e breve como um suspiro, e suave como um sorriso infantil, e doce como um beijo do amor: cobre-o ella, amimando-o na meia de seda branca, menos lisa que o alvo setim da pelle transparente de perolas e de lirios, de alvuras suavissimas...; ampla vestidura azul como o mar dormente, recamada de rosas brancas como o vello de espuma, afaga-lhe todo o corpo, agora escondido, deixando ver só nas mãos e no rosto a côr das montanhas alpinas, quando o inverno as cobre no manto soberano; os longos cabellos d'ouro cahem-lhe ainda em gracioso desalinho, descendo as espiras caprichosas pelos hombros deliciosamente arqueados, e afagando-lhe ainda a donosa cintura, que se requebra para equilibrar aquelle formoso meio corpo, como a tenra vergontea o pomo nascente ao perpassar do vento amoroso da tarde.



Ella, o anjo d'aquella soledade, corre o transparente da janella, abre-a a todos os perfumes da manhã, a todas as musicas do doce acordar do dia, a todos os clarões do arrebol matutino, e as aves esvoaçam-lhe defronte, como a segredarem-lhe em melodiosos gorgeios os seus amores e as suas alegrias.

Depois, outro mundo de mais profundas emoções, de mais intimas delicias a chama a ella, aquecendo-lhe os seios d'alma, alvoroçando-lhe o coração, banhan-



CAÇA ÁS TARTARUGAS

do-a toda de suavissimo delcite. É esse o mundo do amor, que tem no centro o fogo do céu e na superficie a formosura divina; o mundo das alegrias e das tristezas do espirito, sempre illuminado dos eternos esplendores do ideal, da su-

Pé ante pé, com o sorriso nos labios, o rosto illuminado da alegria intima, os seios palpitantes, approxima-se do leito do amado, contempla-o um momento toda enlevada no extase do coração; e quer abraçal-o, escondel-o no seio, dar-lheos

Vôa para lá o anjo da formosura.

Alli, á beira do lago prateado, ondulante ao brando vento da manhã serena, revê-se aquelle rosto na mimosa alegria da alma como n'um espelho celeste. O azul do céu retrata-se no cris-

HELENA KOTANNER ROUBANDO A COROA DA HUNGRIA

prema luz, do augusto e mysterioso raio da belleza infinita.

Como ella abre a porta timidamente, receando interromper-lhe o somno da madrugada! Está alli dentro o lume dos seus olhos, a harmonia da sua alma, o dia da sua felicidade.

suspiros d'alma n'um longo e estremecido lbeijo.

Mas elle dorme, e lá fóra acordam as foormosuras de Deus. Entreabre-se ao raiar do tdia a grande, a immensa luz do eterno scio dos pperennaes fulgores, que banham toda a alma nas primavera das suspiradas illusões.

tal das aguas, e os cabellos de Violante, dourados como os raios do sol, reflectem-se na superficie do lago.

Ella afaga os anneis fluctuantes nos roseos dedos de neve, e remira-se docemente inclinando-se, ajustando ao collo o vestido azulado, estrei-

tando a cintura em requebros infantis, poisando emfim o rosto na palma da mão delicada, sentando-se á beira do thalamo de cristal.

E fica alli, estatua da scisma sonhadora, na doce imaginação d'alma pungida, onde cahem as flores da coroa dos anjos, as lagrimas do sacrario do Infinito, que nos chama, que suspira por nós, que nos eleva ao seio dos amores n'um perpassar do raio do sol entre as franças do arvoredo, n'um voejar da borboleta sobre a corolla dos lirios, n'um pipilar da avesinha escondida, n'um zumbido da irmã das flores a abelha e a brisa, n'um evolar-se da nuvem em flocos d'ouro e purpura, aquecida ao eterno lume, rarefazendo-se em cambiantes de iriados esplendores, nuvem do incenso para o throno de Deus, clarão do relampago, columna de fogo, corcel da tempestade, raio da colera infinita, eldorado dos páramos d'alma, sonho sublime do vidente, altar da immortalidade, suspiradas harmonias do poeta, realidade consoladora dos crentes, eterna esperança dos infelizes, verbo — verbo de Deus.

E é assim a maginação intima do espirito exilado, quando quer voar por cima dos esplendores d'este mundo, aureo sonho, enigma brilhante, abysmo entre rosas escondido, que nos attrae, que nos prende, e nos deixa adivinhar n'estas horas do mysterioso chamamento a ultima felicidade, o abraço do eterno amor.

A grande formosura vem d'Elle.

O seu braço poderoso espalhou-a assim por todos os mundos da sua belleza infinita.

A nós, ao espirito que é a sua imagem, e espelho, deixa Elle vêr-se nas anciadas memorias do primeiro tempo, edade d'ouro, em que nós nos abrigavamos ou adormeciamos no seio da sua omnipotencia.

Porque desejamos subir para Elle?

Porque as nossas lagrimas e suspiros, as nossas alegrias e sorrisos, os grandes desejos do coração e as grandes paixões do espirito, tudo se eleva á immensidade?

Que vale todo o afan da immortalidade humana, todo este trabalho do homem atravez dos seculos, ardua lucta contra o nada, esmagado á voz da consciencia, vencido aos clarões deslumbrantes do genio, como a noute carregada da tormenta nas montanhas tenebrosas do mar ao rasgar do incendio da tempestade?

Que vale? ai! a saudosa recordação, a doce memoria dos tempos incomputaveis, em que nós viviamos no seio d'Elle.

Viemos d'alli, e para lá ascendemos nas maiores aspirações do nosso espirito. A voz d'Elle escutamol-a sempre no silencio da noute, oceano de fulgores, onde cada astro, onda e mundo de luz, é uma estrophe do seu hymno eterno; cada gemido da alma que vôa áquelle sanctuario immenso, corda estalada da cithara dos anjos; cada psalmo carpido n'estas harmonias suspiradas do exilio — oração nos degráus d'um templo, que não tem nome, porque se levanta do coração da humanidade.

A voz d'Elle vibra no acordar d'estas formosuras, no primeiro irradiar da sua luz, quando tudo se ergue fascinado pelo esplendor da sua face, surgindo das trevas como um facho eterno, abrindo os thesouros da belleza infinita como do sacrario do universo.

A noute e a luz, a imagem da morte passageira e do acordar no seio da perenne vida, a esperança velada no manto luminoso e a sublime realidade do sol no seu throno ardente!

Quando o primeiro homem visse o esmaecer da tarde, ás horas solemnes do crepusculo, e depois entreabrir-se o seio das sombras, destender-se o grande véu da noute, e cerrar-se-lhe o coração e desmaiar-lhe o espirito, que profundo gemido lhe sairia do intimo d'alma!

Como elle quereria subir, voar a algum d'aquelles mundos de luz, suspensos na abobada infinita!

Erguendo os braços para o céu, pediria o raio da face de Deus, a vida da escurecida formosura, o templo dos seus inspirados amores; e o anciado desalento alongar-se-lhe-hia até ao primeiro sorriso do sol, que viesse beijar-lhe a face desmaiada.

Então vinha tambem o sonho, o presentimento, a intuição da eternidade do espirito como da eternidade da luz; a morte, ao depois, seria a noute semeada de fulgores, a guiar com um brilho tenue para o sol immenso do seio de Deus.

F. Guimarães Fonseca.

ROSICLER

PLATONISMO

Estranhaste-me o olhar febricitante,
Quando, envolta na doce castidade,
Que respira o teu ser, todo bondade,
Me fallavas, amavel e galante:

É que ha na limpidez do teu semblante
A frescura ideal da mocidade,
Dos teus labios, rescende a castidade
Os perfumes suaves do Levante.

Ser pura é muito mais do que ser bella;
A distancia que vae d'um diamante
Á luz tremeluzente d'uma estrella;

Ama a casta Beatriz, que lê o Dante,
Julieta pendida na janella,
Espera embalde um Romeu, um novo amante!

M. Mesquita.

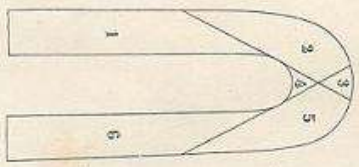
HORAS DE OCIO

Solução dos problemas do n.º 20

Embrulhada cryptographica. — A bom entendedor, meia palavra basta.

Fantasia arithmetica. — Sahiu ás 5 horas e 20 minutos da manhã.

Problema geometrico.



Lexicologia. — 1.º As novas palavras que se formam accrescentando-se ás palavras dadas outras iniciaes, são: Festa, Irosa, Louro, Hora, Obrigar, Dia, Emissão, Palma, Eira, Iris, Xarão, Eirado, Saio, Amar, Bardo, Eleito, Nata, Auso, Dar, Aris, Rama. — 2.º O proverbio que se fórma com as iniciaes accrescentadas é: Filho de peixe sabe nadar.

Problema geographico-grammatical. — Amares.

Soluções certas

Embrulhada cryptographica. — Gandarez (Cantanhede), Sebastião Correia dos Santos (Alemquer), Dominó Branco (Setubal), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra).

Fantasia arithmetica. — Gandarez (Cantanhede), Henrique de Oliveira Neves, do Seminario de Evora (Villa de Rei), Os Pierrots, Hamlet, K (Villa Real de Santo Antonio), Vasco (Coimbra), Edipo (Lisboa), Zero, C. F. B. (Lisboa).

Problema geometrico. — Manoel Antonio Coelho Zilhão (Lisboa), Dominó Branco (Setubal), Henrique de Oliveira Neves, do Seminario de Evora (Villa de Rei), Gandarez (Cantanhede), O cometa do seculo XIX (Lisboa), Os Pierrots, Joaquim Couto (Grijó), Annibal Maia, artista (Coimbra), C. F. B. (Lisboa), Zero.

Lexicologia. — Os Pierrots, Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Edipo (Lisboa).

Problema geographico-grammatical. — Manoel Nascimento Torrado, official inferior de infanteria 11 (Thomar), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira), Antonio G. de Oliveira Santos (Lisboa), Manoel Antonio Coelho Zilhão (Lisboa), Gandarez (Cantanhede), Edipo (Lisboa), Vasco (Coimbra), Joaquim Ricardo dos Reis Pereira, Agostinho Alberto (Grijó), Henrique de Oliveira Neves, do Seminario de Evora (Villa de Rei), Os Pierrots, Dominó Branco (Setubal).

Errata essencial. — Na *Embrulhada historica*, do numero passado, onde se lê *Marco, Aurelio*, leia-se *Marco-Aurelio*. É só um imperador, não são dois.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 166)

— Ora! para que te expões assim? disse ella em tom de reprehensão.

— Pois eu havia de deixar que se perdessem as tuas lembranças? as tuas reliquias? o que teu pae te legou de mais precioso?

— Obrigada, meu Yegor! disse Nadege.

Tomou-lhe uma das mãos, beijou-a, e Yegor sentio deslizar sobre ella uma lagrima de reconhecimento...

— Que diz d'este incendio da floresta? perguntou então o sr. Lafleur, que, de pé, com as mãos nas algibeiras das calças, parecia ver queimar um fogo de artificio. É um espectaculo deveras esplendido, maravilhoso! Veja lá; o céo está quasi tão vermelho como as brazas. Pobre floresta! Dentro em pouco só lhe restarão as cinzas...

Os fugitivos, em virtude da sua grande precipitação, abandonaram muitas das cousas tão laboriosamente reunidas, e com tanta difficuldade transportadas, as quaes deviam assegurar o bom exito da sua perigosa empreza.

— E a nossa cabra? disse Nadege.

— E os cabritinhos? exclamou Ladislau.

O sr. Lafleur respondeu apparentando uma insensibilidade, que não tinha:

— Ora! quem se lembra de uma cabra, senão para lhe beber o leite?

X

Quaes podiam ser as causas do horroroso incendio? Quem eram os auctores? Era racional ver n'isto um simples accidente, devido á imprudencia d'algum caçador, como Yegor suppozera a principio — ou um acto de aggressão?

Para explicar este episodio da nossa narração precisamos de voltar a factos já conhecidos.

Yegor Semenoffe e o sr. Lafleur, depois de precipitarem o rochedo sobre o chefe de policia, bem podiam julgal-o esmigalhado, sepultado para sempre debaixo dos fragmentos da enorme pedra.

Enganaram-se: Yermac vivia ainda.

No momento, em que vira o rochedo vacillar sobre a sua cabeça, apeiou-se immediatamente, correu para a parede vertical, e esta apresentava uma especie de nicho da altura de um homem, que o preservou. Apesar d'isso ficou ferido na perna direita por alguns estilhaços. Yermac só teve que lamentar a perda do cavallo. Coberto pelos pinheiros, que o rochedo arrastara na queda, acocorado atraz do maior pedaço da grande massa precipitado dos flancos da montanha, achava-se occulto a todas as vistas. A prudencia aconselhou-o a passar alli toda a noute.

No dia seguinte a inchação da perna diminuiu com a applicação de compressas de agua fria; arrimou-se a um pau e assim poude chegar a uma yurte de Yakute, construida nos montes Verkho-Yansk. Demorou-se apenas o tempo de tomar algum alimento, e de lhe emprestarem um cavallo do paiz, pondo-se logo, apesar da ferida, em busca de Yegor e dos seus.

Encontrou logo uma patrulha de cossacos a cavallo. Interrogados estes se tinham encontrado os fugitivos, responderam que a ninguem tinham visto.

Yermac declarou então que era o chefe de policia de Yakutsk, provando a sua identidade com documentos, que levara. Depois encarregou os cossacos de participarem aos chefes de correios, que varios deportados tinham fugido acompanhados por um estrangeiro, um francez, e deu-lhes os signaes de Yegor e das pessoas que se achavam com elle.

Algumas horas mais tarde Yermac marchava ao longo da grande floresta, no meio da qual se refugiaram os fugitivos; acabando de passal-a e não descobrindo vestigios dos criminosos, retrocedeu, convencido de que elles se deviam ter internado na floresta e não ter ainda sahido.

Que poderiam esperar escondidos alli? Qual seria o meio de os descobrir? Elle estava só e ferido, os fugitivos eram quatro e bem armados. Elle estava só, e a floresta estendia-se por uma area muito vasta. A lucta era por extremo desegual.

Reflectiu muito, e julgou ter encontrado um auxiliar. Porque motivo não lançaria mão de um expediente para destruir animaes ferozes: lançar fogo á floresta? Em sua opinião de homem de policia as pessoas, que elle perseguia, eram criminosos; Yegor, Nadege e Ladislau, condemnados a trabalhos forçados ou á deportação; o sr. Lafleur um assassino.

A principio repelliu esta ideia, que nos dias seguintes voltou com persistencia. Acabou por se habituar e achal-a razoavel. Pois os «promichlenicks» [1] não incendiavam os bosques para dissiparem por meio do fumo os enxames de mosquitos, que os incommodavam? Além d'isso, as poucas provisões fornecidas pelo yakute depois da sahida dos desfiladeiros, iam escasseiando; e para cumulo de sua delicada situação, o cavallo emprestado pelo nomade, enfastiando-se talvez da ociosidade, abandonara os prados, em que pastava á solta, e voltara para a yurte do dono.

Procurando sempre tomar uma resolução, Yermac subiu a uma eminencia; ahi, dominando a vasta planicie cheia de pinheiros escuros e unidos, examinou o logar, em que devia fazer começar o incendio. Seria do lado do nascente ou do poente? A floresta era cercada por duas cadeias parallelas de montanhas, que se estendiam como duas barreiras impenetraveis. Largar fogo a uma d'essas extremidades era obrigar os fugitivos a sahirem pela outra. Do lado do nascente era impossivel sahir sem atravessar um desfiladeiro abrupto, de paredes nuas; Yermac viu que lhe era facillimo esperal-os alli, escondido atraz de um rochedo.

Quando, pesadas e meditadas as cousas, formulou bem o plano no seu espirito, decidiu lançar a floresta n'uma conflagração geral. Junto das arvores resinosas amontoou troncos seccos e espinhos, e largou-lhes fogo.

Yermac foi então collocar-se no lado opposto, á sahida do desfiladeiro, que apresentava a unica passagem livre. Esperou com anciedade o momento, em que o vulcão fizesse explosão.

Não esperou muito. Minutos depois a planicie tomou o aspecto de um lençol de fogo, e quando o céo, nos confins do horisonte, se tornou vermelho como sangue, Yermac recuou espantado deante da sua obra de exterminio. Passou horas compridas de desespero e de duvida, perguntando a si proprio, se não teria ido muito longe, se não teria votado a uma morte certa os infelizes occultos nas profundezas da floresta. Finalmente os clarões de uma aurora tardia vieram misturar-se ás reverberações do incendio.

Passados alguns momentos o chefe de policia viu dirigirem-se para elle em carreira desenfreada dois cavallos siberianos—eram dois dos cavallos de Yegor, o terceiro sem duvida tinha morrido.—Verificava-se portanto a probabilidade das suas supposições. Não havia que duvidar, aquelles cavallos deviam pertencer aos fugitivos. Mas porque se demorariam tanto os donos em apparecer?

Yermac repetiu muitas vezes esta pergunta inquietadora, quando lobrigou sahindo do desfiladeiro um grupo desordenado de fugitivos, cujas sombras enormes produzidas pelo foco, que deixavam atraz de si, alongavam-se phantasticas deante dos seus passos.

—Eil-os emfim! exclamou elle.

Examinou as suas armas, a carabina e as pistolas: estavam em bom estado. Mas foi gramde a sua admiração, quando poude contar sete homens vestidos como verdadeiros ladrões do steppe,, armados até os dentes. Esses homens, escondidos na floresta e agora obrigados a sahir, tambem o viram e avançaram para elle. Julgavam-se cercados por patrulhas de cossacos, e dispunham-se a vender caro a vida.

A distancia conveniente, dois d'elles apontaram as espingardas ao chefe de policia e dispararam.

—Declaração de guerra! disse Yermac, quando as balas lhe zumbiram aos ouvidos como rapidas abelhas; tenho por força de defender-me; são com certeza bandidos, com que eu não contava; respondamos.

E escondendo-se atraz de uns abrolhos, que o cobriram completamente, descarregou os dois tiros da sua carabina sobre o bando, que continuava a avançar.

Então, aquelles homens, de porte mais que estranho, em vez de se conservarem unidos em pelotão, espalharam-se em virtude de uma tactica muito habil. Andando sempre, cada vez se aproximavam mais do esconderijo, despedindo balas contra o audacioso, que se atrevia a esperal-os.

Em breve achou-se Yermac cercado por todos os lados, e inteiramente á discrição dos seus aggressores. Estes escolheram posição; uma arvore, uma pedra, uma elevação do terreno, tudo foi utilisado por elles, e esperando o tempo necessario para apontar bem, converteram Yermac n'um alvo. A illuminação do céo permittia-lhes que vissem como se fosse dia claro.

O chefe de policia não perdeu a cabeça, e sustentou com bravura o ataque desleal. Tres vezes carregou a espingarda, e deu cinco tiros no adversario, que estava mais proximo do lado esquerdo; depois voltando rapidamente a cara, desfechou sobre um dos que ficavam á direita, e que surprehendido quando passava de uma arvore para outra para avançar alguns metros, recebeu a carga no peito.

Ao grito dado por este no momento de cahir, responderam os rugidos de colera dos companheiros; a quadrilha dos ladrões de ouro, que infestava o paiz, acabava de perder o seu chefe.

N'um instante Yermac foi crivado de balas.

Ia morrer infallivelmente, porque, além de lhe ser repugnante procurar salvar-se fugindo, não ignorava que voltar as costas era um expediente pouco efficaz para melhorar a sua perigosa situação. De repente sahe um grito do meio dos assaltantes: era um pedido aos companheiros para que suspendessem o ataque. E Yermac viu com espanto dirigir-se para elle, sem armas, o adversario da esquerda, contra quem empenhara todos os seus esforços. Era um homem muito novo, sem barba, de olhos pretos, de côr baça como os slavos, e vestido de pelles á maneira dos yakutes.

Qual seria a dolorosa admiração de Yermac ao descobrir n'aquelle bandido dos steppes, visto ao clarão avermelhado de um foco incandescente, o seu filho Dimitri!

—Pae! disse este, sou eu...

—Desgraçado! exclamou Yermac, ês tu! Tu, com elles!... com os ladrões de ouro!

—Não tenhas mais receio... replicou Dimitri, e fez signal aos companheiros para que se afastassem.

—Assim, ladrão e assassino, ias tornar-te parricida, observou o desgraçado pae tomado de verdadeira desesperação.

—Pae! tornou Dimitri timidamente, nunca matei, nunca, posso jurar-te.

—Parricida já tu eras, proseguiu Yermac sem o escutar; eras, desde que roubando-me a honra, piravas-me mais do que a vida! Sabes o que tive de fazer para expiar os teus crimes? Pensaste alguma vez na minha voluntaria humilhação, quando abandonei as funcções de ispravnik? Fizeste por acaso a mais leve ideia das injurias e affrontas, que padeci debaixo dos trajos de guarda da chusma?

—Pae... foram essas iniquidades, de que foste victima... foi essa condemnação odiosa, esse desterro, que não merecias... que me turvaram o espirito. Eu tinha soffrido muito vendo-te soffrer. Insurgi-me contra aquella sociedade criminosa e cega, de que tanto tinhas que te queixar; queria vingar-te.

—O homem, digno d'este nome, vinga-se re-

[1] Caçadores da Siberia, negociantes de pelles e de dentes de mammuth.

habilitando-se aos olhos d'aquelles, que o julgam culpado, ou que, pelo menos, o affirmam, ainda que o não julguem, disse Yermac com energia. Cumpre dobrar, lançar por terra, calcar aos pés a injustiça. E agora...

—Sim, agora que queres tu que eu seja? interrompeu Dimitri. Não posso voltar para o meio dos homens de bem... Não ha remedio! Abandona-me á minha sorte... Viverei despresado por todos e por mim proprio.

—Não, tu has de morrer!

—Que dizes!

—Que podes expiar os teus crimes, resgatar a tua vergonha, restituir-me a honra do meu nome...

—Como?

—Com a morte!

—Queres que eu morra? exclamou Dimitri com um pallido sorriso. Tenho pensado n'isso muitas vezes, porque me peza a vida, e cada vez se repetem mais amiudadas as horas, em que desejo livrar-me d'ella. Paciencia, pae! Talvez dentro de pouco tempo não oiças mais fallar de teu filho.

—Não é isso o que eu quero. A vingança publica exige expiações menos voluntarias, mais immediatas, tendo o valor e a força do castigo. É necessario que a morte seja infamante, e tu vaes recebel-a de minhas proprias mãos.

—Um pae... matar seu filho!

—Aqui não ha filho, nem pae. Ha, longe de todo o tribunal, um homem, que a lei sagrou juiz que nunca depoz esse caracter apesar da sua queda immerecida, e que deve pronunciar a tua sentença de morte. E eu saberei executar essa sentença... Vem comigo!

Levou-o para traz dos rochedos, que os occultaram á vista dos companheiros de Dimitri. Estes pareciam ter adivinhado uma explicação tempestuosa entre o pae e o filho, e estavam promptos para correr em auxilio do ultimo.

Dimitri, livido, olhava para o pae com o olhar fixo, que o suppliciado dirige para o carrasco, quando sente que este lhe vae pôr termo á existencia; e o rapaz comprehendia que das mãos de seu pae lhe viria a morte.

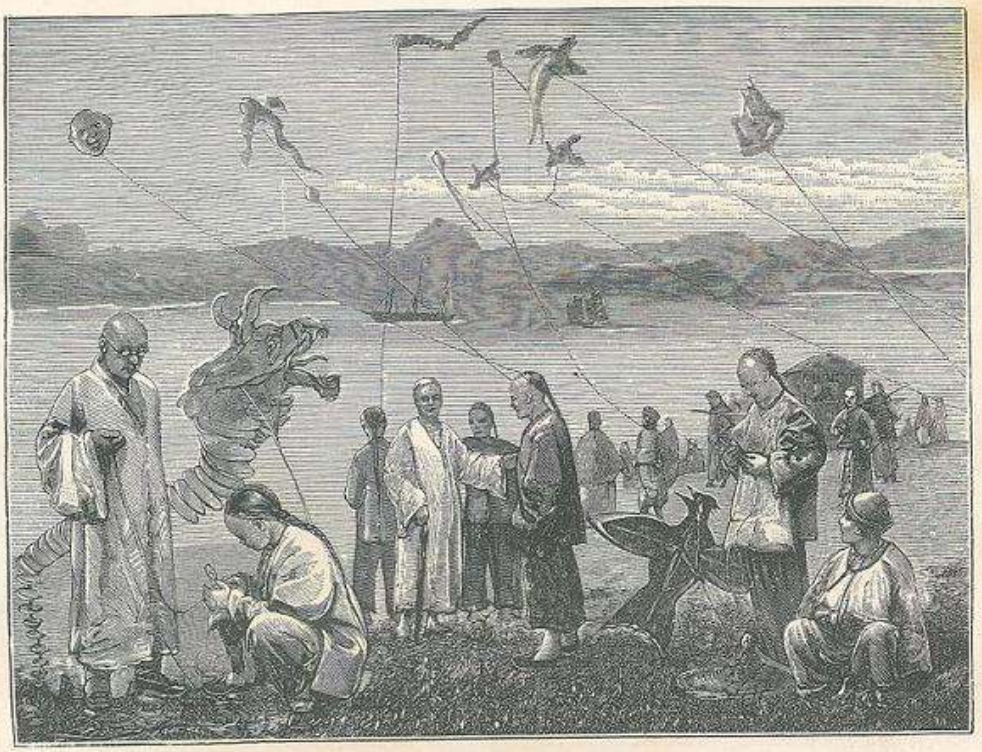
—Pae, seja feita a tua vontade! murmurou elle.

—Ha palavras, que não devem ser profanadas, observou Yermac em tom severo. Dá-me o teu cinto.

—Para que?

—Para prender-te a uma arvore.

(*Continua*).



OS PAPAGAIOS CHINEZES

CORRESPONDENCIA

Victor Narceu.—Tanto verso, Deus do céo! Não queremos dizer-lhe que sejam maus, pelo contrario. Teem só um defeito, é que muitas vezes tudo sacrificam á palavra sonora, e não resistem muito facilmente á analyse. Por exemplo:

NO LEQUE DE ANNITA

Tu tens a vida, tens o amor e a morte
no teu sorriso, em teu olhar, ingrata.
O teu sorriso é tribunal—condemna.
O teu olhar é o algoz e mata.

Sem duvida alguma estes versos cantam no ouvido, e lidos sem muita reflexão fascinam; mas, analysando-se, vê-se que são faltos de logica. Os dois ultimos versos não resultam dos primeiros. Um sorriso que é um tribunal, e que tem amor, e vida e morte á moda de officiaes de diligencias, parece-nos demasiadamente judicial para sorriso, e demasiadamente madrigalesco para segundo ou terceiro districto. E depois, ou o tribunal e o algoz (sorriso e olhar) funccionam ao mesmo tempo, e isso é uma illegalidade, ou a Annita sorri com os olhos fechados, e olha sem mostrar os dentes, o que deve ser ratão. Em todo o caso sempre lhe publicámos os versos, e muitos leitores haverá que nos reputem demasiadamente rigorosos. Tambem a prova que não julgamos o sr. Victor Narceu nem defunto, nem ruim, é que gastámos com elle esta cera toda.

Marcello.—Terás resposta, maganão, e resposta larga. Agora falta espaço e tempo. Como tu até conheces as *quadras*, (quem foi o patife que t'as disse?) deves saber tambem o motivo porque estamos concluindo á pressa este numero do *Jornal do Domingo*.

Zero.—Veaba o que offerece, o mais depressa possivel. Precisamos da solução do problema. Como póde imaginar, não temos tempo de o resolver. Agora uma explicação a respeito do artigo *Cometas*. O auctor quiz tornal-o o mais popular possivel, quiz explicar, de um modo claro e comprehensivel para todos, a questão da fórma das orbitas. Era facil explicar assim a fórma elliptica, mas a explicação da fórma parabolica offerecia mais difficuldades. Preferio que alguns dos leitores notassem a omissão que *Zero* notou, a que a maioria do publico deixasse de perceber um ponto do artigo. Eis a explicação que o auctor nos pede que demos ao nosso correspondente, accrescentando que está muito lisongeado com os commentos que lhe dirige.

E. P. (Estarreja).—Desculpe, mas não temos secção de publicações pagas.

O. S. (Lisboa)—A solução do problema geometrico não está certa, por culpa talvez da impressão da figura, que ficou em alguns exemplares com as linhas interrompidas.

Pierrots.—Folgamos com a inauguração d'essa sociedade fundada com o fim de matar as charadas, enigmas, e problemas do *Jornal do Domingo*, e felicitamol-os pela sua estreia. Como verão na secção competente, até déram cabo da *Lexicologia*, que resistio a quasi todos.

Sindbad (Lisboa).—As suas soluções da *Lexicologia* estão erradas, e por uma razão muito simples, porque não reparou que o problema tinha duas partes, e só attendeu á primeira.

EXPEDIENTE

Aos senhores correspondentes, em divida, pedimos o saldo do primeiro trimestre.

A administração.

Lisboa—Typ. de Christovão Augusto Rodrigues
Rua do Norte, 113, 1.º